

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Rafaela Malaquias Marcelino

O encontro entre o Orum e o Aiê: análise sobre a possessão do corpo em cerimônias de Candomblé

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Natália Morais Gaspar.

Juiz de Fora
2016

O encontro entre o Orum e o Aiê: análise sobre a possessão do corpo em cerimônias de Candomblé

The meeting between Orum and Aiê: analysis about body possession in Candomblé ceremonies

Rafaela Malaquias Marcelino¹

RESUMO

O Candomblé é uma religião muito marcada pelos seus rituais e por suas festas, que chamam a atenção não só de seus “filhos”, mas também de especialistas e leigos. Um dos rituais mais esperados pelo “povo de santo” é o dia em que o seu Orixá (deus) sai de seu Orum (céu) e vem para o Aiê (terra) para compartilhar um momento de alegria com os seus filhos. Como os Orixás são deuses e não possuem um corpo físico no Aiê, eles usam o corpo de um iniciado para fazer sua passagem na terra; é nesse contexto que ocorre a possessão do corpo. Portanto, o Orixá entra no corpo de um de seus filhos e, a partir desse momento, o espírito da pessoa não se encontra mais naquele corpo, quem está dentro do corpo agora é o Orixá. Os rituais geralmente são festas abertas ao público e mesclam a religiosidade com um belo espetáculo artístico que mistura dança, música e tradição, e se transforma em um evento a ser prestigiado e que traz muito Axé para o seu povo. Este trabalho tem como intenção fazer um estudo antropológico sobre o ritual de possessão do corpo no candomblé, mostrando sua finalidade, sua preparação e execução, a partir da visualização e análise de vídeos documentais e de revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Possessão do corpo. Ritual. Religião. Candomblé.

Summary

Candomblé is a religion, very marked by their rituals and their festivals, which attract the expected not only of his "children", but also experts and laypeople. One of the most anticipated rites by "holy people" is the day that your Orisha (God) leaves his Orun (heaven) and comes to the Aiê (land) to share a moment of joy with your children. As the Orishas are gods and don't have a physical body in Aiê, they use the body of a beginner to its passage on earth; in this context that the body possession occurs. So the Orisha enters the body of one of his sons, and from that moment, the person's spirit is not in that body, who is inside the body now is the Orisha. the rituals usually are open to the public and mixed religiosity with a beautiful artistic performance that mixes dance, music and tradition, and turns into an event to be prestigious and brings a lot Axé for his people. This homework is intended to make an anthropological study of the body's possession ritual in the Candomblé, showing it's purpose, preparation and implementation, from the visualization and analysis of documentary videos and literature review.

KEYWORDS: Body possession. Ritual. Religion. Candomblé.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o candomblé como religião e manifestação cultural, com ênfase no ritual de possessão do corpo e na chegada dos deuses, buscando demonstrar a importância que tal ritual tem para o povo de santo, e sua representatividade cultural e social.

Os rituais de candomblé são muitas vezes representados em novelas, séries, livros, filmes e músicas e, muitas vezes, são praticados por pessoas de fora da religião, que talvez não tenham conhecimento sobre sua importância e representação.

Um dos rituais mais esperados pelo “povo de santo” é o dia em que o seu Orixá² sai de seu Orum (céu) e vem para o Aiê (terra) para compartilhar um momento de alegria com os seus filhos. Como os Orixás são deuses e não possuem um corpo físico no Aiê, eles usam o corpo de um iniciado para fazer sua passagem na terra; é nesse contexto que ocorre a possessão do corpo. Portanto, o Orixá entra no corpo de um de seus filhos e, a partir

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: rafamalaquias2013@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Natália Morais Gaspar.

² Divindade.

desse momento, o espírito da pessoa não se encontra mais naquele corpo, quem está dentro do corpo agora é o Orixá.

O Orixá vem à terra para compartilhar um momento de alegria com seus filhos e, também, para repassar as suas histórias. Ele não se comunica através da fala, por isso toda sua história é narrada através da dança.

Este ritual é muito complexo e mobiliza todos os filhos de santo. Para a sua realização, são feitos outros rituais, como o jogo de búzios, rituais de cânticos e danças, antes e durante a possessão, banhos de ervas, oferendas, purificação de objetos, além da fabricação das roupas usadas pelo Orixá e a arrumação do terreiro. Tudo deve estar em plena harmonia, só assim ficará Odara³, e só assim o ritual pode ser realizado.

Os rituais de possessão ocorrem em dias específicos do ano. Podem ser feitos no dia de festa específica de cada Orixá ou em dias em que todos os Orixás vêm participar da festa. Pode ocorrer também em dia de iniciação dos filhos de santo - geralmente a data do ritual é estipulada através do jogo de búzios, onde Exu, o Orixá mensageiro, mostra qual o melhor dia para se fazer o ritual. Os rituais geralmente são festas abertas ao público e mesclam a religiosidade com um belo espetáculo artístico que mistura dança, música e tradição, e se transforma em um evento a ser prestigiado, que traz muito Axé⁴ para o seu povo.

O meu interesse por este tema nasceu de uma busca por uma identidade negra, do interesse por todo e qualquer tipo de cultura negra e de origem africana. Este interesse teve início quando eu ainda estava no “colegial”, quando tive meu primeiro contato com o movimento negro, através de uma iniciativa que misturava dança e militância⁵. No princípio, o que mais me seduzia era a cultura e a história negras norte-americanas, devido à influência do movimento Hip Hop. Porém, com o passar do tempo, a cultura afro-brasileira foi chamando minha atenção, a ponto de despertar minha vontade de entendê-la e estudá-la antes mesmo de ingressar na faculdade.

A vontade de estudar o Candomblé vem não só da admiração pela cultura negra, mas também de uma vontade de acessar o desconhecido. Até então, a única religião presente em minha vida era a Católica - nasci e fui criada como católica e a única percepção que eu tinha a respeito do Candomblé era aquela que considerava tal religião como maligna. A única sensação que o Candomblé me despertava era muito medo. Na adolescência, o contato com uma pessoa querida que era candomblecista fez-me questionar meus preconceitos. Na graduação, tive contato com disciplinas, discussões e um minicurso sobre religiosidades de matrizes africana – passei a nutrir grande admiração e respeito pela religião e por tudo que ela representa.

A escolha de tratar especificamente da possessão do corpo no Candomblé foi baseada na percepção da importância deste momento para o povo de santo, pois representa o encontro com o divino, e também tem a intenção de contribuir para ampliar o conhecimento e desfazer o preconceito da sociedade em geral em relação a este ritual. Como exemplo deste preconceito, cabe notar a reação de estranhamento de pessoas próximas quando mencionava meus estudos sobre a “possessão do corpo”. Quando passei a falar de “transe” ou “êxtase”, foi possível notar que este estranhamento diminuiu. O êxtase é um fenômeno que pode ser encontrado em diferentes religiões, é um estado da consciência humana e, no Candomblé, acontece quando o Orixá toma posse do corpo do seu filho - nesse momento, a essência do indivíduo é trocada pela essência da divindade.

Inicialmente, figurava entre os objetivos deste trabalho a realização de trabalho de campo etnográfico em um terreiro de candomblé. No entanto, não obtive acesso a um terreiro na cidade de Juiz de Fora, apesar de inúmeras tentativas desde o surgimento da ideia inicial da pesquisa, em dezembro de 2014. A reflexão sobre as tentativas frustradas pode, todavia, contribuir para a elaboração de uma série de questões úteis a desenvolvimentos posteriores deste trabalho. Diante disto, procedi à visualização e análise de vídeos documentais sobre o ritual de possessão do corpo no candomblé, que forneceram elementos para uma compreensão mais abrangente do ritual, contribuindo para o aprofundamento da análise teórica.

2. Ritual e religião

O ritual é uma das principais características que definem uma religião, é um fenômeno comum a todas as religiões e frequentemente confere beleza e significados às cerimônias. O ritual também tem como característica seu conjunto de símbolos e significados e ações preestabelecidas e repetitivas. É possível comparar o ritual com um teatro, onde os atores repetem as cenas, seguindo um roteiro. Porém, o que torna o ritual diferente

³ Belo.

⁴ Energia positiva que traz força e paz, transmitido por objetos ou de pessoa a pessoa.

⁵ Grupo de dança e militância Soul Black, que funciona na Escola Municipal Professora Thereza Falci, no bairro de Santa Lúcia, município de Juiz de Fora (MG).

é que as suas ações e significados transcendem ao natural e passam a agir com o sobrenatural, afetando ações e emoções sociais e individuais, transformando todo o seu universo em um espaço sagrado.

Com o intuito de apresentar o ritual do êxtase em cerimônias de Candomblé, buscamos, antes de tudo, passar em revista as análises teóricas sobre ritual religioso e apresentar suas características e relevância social.

Para iniciarmos nossa análise, buscamos refletir sobre um trecho do artigo “ Os símbolos no ritual Ndembu”, de Victor Turner, antropólogo britânico, que nos dá a seguinte definição de ritual:

Por “ritual” entendo o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos. O símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade última de estrutura específica em um contexto. (TURNER, 1964, p. 7).

Seguindo as ideias de Turner, podemos concluir que o ritual é um comportamento formal que tem características prescritas, que conta com a crença em poderes míticos e é formado por símbolos que o caracterizam.

A realização de um ato que tenha ações já prescritas é uma das características mais marcantes do ritual, apontada por parte da bibliografia utilizada por Turner. Segundo essa proposição, todo ato que fazemos repetitivamente, e com um enredo já formulado, é um ato ritualístico - o simples ato de acordarmos todos os dias em uma hora já marcada e escorvamos os dentes e tomarmos café, seguindo esses mesmos atos repetitivamente, já pode ser considerado um ritual. Porém, segundo Turner, o ritual é um comportamento prescrito não devotado a rotinas tecnológicas. Portanto, podemos concluir que o ritual vai além das rotinas do dia-a-dia, pois é justamente quando se sai da rotina do cotidiano que se adentra um tempo especial transcendente. Não se trata mais de um dia comum, mas sim o dia da realização do ritual - um dia de contato com o divino, um dia de festa.

Quando dizemos que um ritual tem caráter repetitivo e prescrito, estamos dizendo que as cerimônias ritualísticas sempre se repetem em seu meio social; portanto, não acontecem apenas uma vez, mas estão sempre sendo realizadas, e que seguem um roteiro e um calendário. Além disso, são sempre realizadas seguindo uma forma que é reconhecida por todos os membros do grupo e que carrega significados que dão sentido à cerimônia. O significado da repetição varia de acordo com cada ritual e cada cultura, ele pode ser repetido por se tratar de rituais pelos quais os membros de determinada sociedade devem passar, por isso ele se repete sempre com as mesmas características, como acontece nos ritos de passagem⁶. A repetição pode acontecer também por se tratar de um encontro com a divindade, como é o caso de rituais de êxtase e de comunhão, ou ainda para recriar o mito, reviver o que foi vivido pelos deuses e repassar ensinamentos.

O ritual religioso está sempre relacionado com forças divinas e suas narrativas místicas. As cerimônias sempre são realizadas com o intuito de aproximação do homem com o divino, que pode acontecer na reconstrução cerimonial do mito, na transformação do homem em deus, no sacrifício e em outras diferentes formas cerimoniais.

O ritual é formado por um conjunto de símbolos. Segundo Turner, “um ‘símbolo’ é uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificado ou representado ou lembrado algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações em fatos ou pensamentos.” (TURNER, 1964, p. 7).

O símbolo é um conjunto de ações que formam e dão significados ao ritual, é reconhecido por todos os membros do grupo religioso, tem um papel importante na construção do ritual e suas origens se baseiam nas mitologias e no cotidiano da vida social. O símbolo dá significado ao ritual e interfere diretamente nas ações dos indivíduos. Faz-se presente nas relações das pessoas, gestos e atividades, objetos e atividades relacionadas a uma situação ritual. O símbolo também pode conter diferentes significados, baseados em acontecimentos místicos e sociais que vão conferindo sentido à realização ritual.

Após essa breve revisão da bibliografia sobre ritual e levando em consideração o conceito de ritual elaborado por Turner, podemos ter uma visão mais ampla do ritual de possessão de corpo em cerimônias de candomblé e podemos interpretar tal ritual segundo a ótica demonstrada acima.

O ritual de possessão do corpo em cerimônias de candomblé acontece durante as festas públicas⁷ dessa religião, em que um dos filhos de santo entra em um estado de êxtase profundo. Este ritual é cercado de outros

⁶ Os ritos de passagem são cerimônias que têm como intuito uma transformação da vida, tornar-se um outro ser e renovar-se, ou passar de uma fase da vida para outra. Os rituais estão presentes em todas as sociedades - podem ser rituais de puberdade, ritos de nascimento, casamento, morte ou renovação da vida e iniciação.

⁷ As festas públicas no Candomblé são cerimônias abertas ao público em geral - não apenas filhos de santo participam da festa, qualquer pessoa que queira participar é bem-vinda, ao contrário de determinados rituais que são sigilosos, com a participação restrita a determinadas pessoas.

rituais que o complementam e é considerado como o mais importante e o que torna a cerimônia mais bela, tanto para os membros do grupo, que sentem a presença do seu deus, como também para quem vê de fora e assiste um belo espetáculo de dança e cânticos, que é cheio de emoção e significado.

Devemos, antes de tudo, entender o significado e o simbolismo do ritual. Para isso, é preciso compreender um pouco da doutrina e de toda mitologia que envolve tal religião. Para tanto, devemos analisar um pouco da literatura antropológica sobre religião, afim de compreender o candomblé e suas manifestações dentro do fenômeno religioso.

Segundo Émile Durkheim, a religião é uma coisa social, que nasce do pensamento coletivo, e seus ritos são de alguma forma maneiras de refazer, manter e consolidar os estados mentais dos grupos. A religião nasce da necessidade dos seres humanos de compreender e explicar o mundo, portanto, toda religião é uma cosmologia que busca de alguma forma explicar o mundo. Todo grupo tem de alguma forma uma manifestação que pode se chamar de religiosa. Nenhuma dessas manifestações pode ser considerada como superior ou inferior, pois constituem diferentes formas de olhar e compreender a vida e contribuem para manter a unidade do grupo, seus valores e regras de comportamento social.

Não se sabe quando a religião teve o seu início e a sua definição correta é motivo de discussão em diferentes áreas do conhecimento. Podemos definir a religião como sendo um sistema no qual o seu todo é dividido entre mitos, dogmas, ritos e cerimônias - o rito seria, portanto, uma ação que é determinada pelo estado de pensamento imposto pela crença. Outra característica da religião é que suas crenças são sempre coletivas e seus ritos e dogmas são reconhecidos e têm significado para todos do grupo - por esse motivo, o indivíduo, ao seguir uma religião, sente-se parte de um todo, pois compartilha com o grupo as mesmas crenças.

A religião, segundo Durkheim, baseia-se na dualidade e separação das coisas entre o sagrado e o profano, esses dois opostos que são de naturezas diferentes e que de forma alguma se unem. Para que o profano se torne sagrado, a sua essência deve ser transformada. Por isso, existe o rito de passagem, para transformar a substância do profano em algo sagrado. O sagrado é tudo aquilo que se opõe ao profano, é organizado por regras de conduta que tornam a sua substância diferente do profano, que, por sua vez, é o oposto do que é estipulado pela moral do sagrado. Portanto, a importância do rito é a de transformar a natureza do profano para que ele se torne sagrado.

Ao final de sua análise sobre religião, Durkheim chega à seguinte conclusão, que nos ajuda a compreender a definição do fenômeno religioso.

Chegamos, pois, à seguinte definição: uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral chamada igreja, todos aquele que a elas aderem. (DURKHEIM, 1996, p. 32)

3. O ritual de possessão do corpo no candomblé

Após uma breve revisão bibliográfica sobre ritual e religião, é possível iniciar nossa análise sobre candomblé e a possessão do corpo em suas cerimônias. Para tanto, usamos como base as descrições sobre a religião retiradas do livro "O Candomblé da Bahia", de Roger Bastide.

Roger Bastide foi um filósofo e sociólogo francês que veio para o Brasil para lecionar na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, cargo que até então era ocupado por Lévi-Strouss. Durante sua passagem pelo Brasil, Bastide dedicou-se a estudos de sociologia, religião, psiquiatria e artes. Destacam-se análises sobre a realidade social brasileira e a influência do negro em nossa cultura, principalmente suas obras dedicadas às religiões afro-brasileiras, que contribuem para os estudos sobre o tema no país. "O Candomblé da Bahia", livro publicado no Brasil em 1.978, é uma obra de Bastide que busca, a partir de estudos etnográficos, compreender como funciona o candomblé de origem lorubá, encontrado na região da Bahia, e como essa religião e manifestação cultural ainda mantêm fortemente os traços trazidos da África. É com base nas análises de Roger Bastide que buscamos tirar nossa compreensão sobre esta religião.

O candomblé é uma religião que se funda na mitologia dos Orixás. Segundo essa mitologia, Olorum, o deus supremo, criou todas as coisas da natureza e deu a cada orixá o cuidado de um elemento de sua criação. No princípio, homens e deuses ocupavam o mesmo espaço, porém, um dia, devido às desobediências humanas, os homens perderam o direito de habitar o mesmo espaço que os deuses. Então, a terra se dividiu em dois mundos paralelos, o Orun, onde vivem todos os Orixás e os espíritos ancestrais, e o Àiyé, habitado pela humanidade. O significado das cerimônias de candomblé é promover uma aproximação entre os dois mundos. Portanto, o ritual de possessão do corpo é de suma importância, pois representa uma ligação entre os dois mundos.

A possessão do corpo simboliza para o candomblé a comunhão entre os dois mundos, Orun e Àiyê, e a ligação do homem com os seus deuses. Além de representar a ligação com o transcendente, o ritual também simboliza a reaproximação com a África, terra mãe de onde surgiu a matriz do candomblé. Esse ritual ocorre quando um filho de santo iniciado na religião tem o seu corpo possuído por uma divindade. O orixá vem à terra para recontar as suas histórias e, ao possuir o corpo de seu filho, dança ao som dos atabaques como uma forma de vivenciar uma comunhão com os seus súditos. A partir do momento em que o Orixá vem à terra, ele toma o corpo do seu filho; quem habita o corpo a partir de então não é mais o indivíduo, mas sim a divindade. A possessão é comparada com uma montaria, onde o corpo do fiel é o cavalo e a divindade se torna o cavaleiro. Quando o cavaleiro monta seu cavalo, é ele que toma as rédeas e decide os movimentos a serem feitos pelo cavalo. Roger Bastide faz a seguinte descrição sobre a possessão do corpo:

Os gestos, porém, adquirem maior beleza, os passos de dança alcançam estranha poesia. Não são mais costureirinhas, cozinheirinhas, lavadeiras que rodopiam ao som dos tambores nas noites baianas; eis Omulum recoberto de palha, Xangô vestido de vermelho e branco, lemanjá penteando seus cabelos de algas. Os rostos se metamorfosearam em máscaras, perderam as rugas do trabalho cotidiano, desapareceram os estigmas da vida de todos os dias, feita de preocupações e de miséria; Ogum guerreiro brilha no fogo da cólera, Oxum é toda feita volúpia carnal. Por um momento, confundiram-se África e Brasil; aboliu-se o oceano, apagou-se o tempo da escravidão. Eis presente aqui os Orixá, saudando os tambores, fazendo ika ou dobale diante dos sacerdotes supremos⁸, dançando algumas vezes revelando o futuro e dando conselhos. Não existem mais fronteiras entre natural e sobrenatural; o êxtase realizou a comunhão desejada. (BASTIDE, 1978, p. 26).

No candomblé, todas as decisões são tomadas a partir do jogo de búzios. O búzio ou oráculo de Ifá é um oráculo que contém a explicação de todos os mistérios da vida. Os únicos que têm a sabedoria para decifrar este oráculo são os babalaorixás e as yalorixás⁹ - eles são os únicos que tem o poder de interpretar o que os orixás querem passar através do oráculo. Na iniciação no candomblé, antes de se iniciar os preparativos, o pai de santo joga os búzios para saber qual Orixá vai ser dono da cabeça do iniciado.

Após serem feitas as cerimônias de iniciação, jogam-se os búzios para saber se o novo filho de santo vai ou não poder receber o seu deus; isso porque, no candomblé, nem todos os fiéis estão aptos a receber o santo. Primeiro, é de total importância que o indivíduo seja um iniciado, que já tenha passado por todos os rituais de iniciação. Após ser iniciado, o indivíduo deve passar do estado de iao para o estado de ebômin, que é um estado superior na hierarquia do terreiro. É importante saber também se o filho de santo vai ter o poder de receber a entidade. Isto é checado através do jogo de búzios, que vai mostrar se a pessoa vai ser um sacerdote do seu santo ou se ele vai ser um ogã ou uma ékédi (ogã é a designação masculina e ékédi feminino) - indivíduos que não têm o poder de possessão, mas têm responsabilidades dentro do terreiro, são responsáveis por lidar com a parte burocrática¹⁰ do terreiro, pelos sacrifícios de animais e também pelos toques das músicas. Há outras restrições que impedem o indivíduo de ser possuído - a pessoa não pode ter ingerido bebida alcoólica no dia da possessão; a mulher não pode estar menstruada, pois os Orixás não suportam o sangue menstrual (essas mulheres não devem nem participar das cerimônias); mulheres grávidas não devem ser possuídas por motivos de segurança e, por fim, mulheres viúvas não são comumente possuídas.

A possessão ocorre nas festas públicas da religião, podendo ocorrer em festas que comemoram o dia de determinado orixá, como no dia 2 de fevereiro, em que é comemorado o dia de lemanjá. Estes dias já fazem parte do calendário do povo de santo e são dedicados à adoração e à festa de determinado Orixá (geralmente, a data faz referência ao dia do santo católico com o qual o Orixá é sincretizado). Outra festa na qual o santo se manifesta é a iniciação do filho de santo. Nesta ocasião, o iniciado já passou pelas primeiras partes do ritual e o seu Orixá monta nele para comungar desse momento especial com seus filhos e também para falar o novo nome de seu iniciado. O orixá também pode se manifestar em outras datas. Quando isso ocorre, é consultado o oráculo para se saber qual é a melhor data para ocorrer a cerimônia.

Nos dias de festas nos terreiros, geralmente mais de um Orixá vem festejar. Isso ocorre porque, durante a sua vinda, os Orixás contam a sua mitologia, através da dança. Ou seja, através da dança, o Orixá conta a história de sua origem. O contato entre eles durante a cerimônia é importante, pois representa as relações

⁸ "Faz-se ika se o deus é masculino; e dobale, se o deus for feminino. Ambos consistem em se atirar de barriga no chão diante do sacerdote, mas quando se trata do dobale, vira-se o corpo de um lado para o outro." (BASTIDE, 1978, p. 26).

⁹ Pai e mãe de santo.

¹⁰ Quando dizemos que o ogã é responsável pela parte burocrática, estamos dizendo que ele é o responsável por cuidar das contas do terreiro, fazer arrecadações, etc. Caso o terreiro tenha algum problema jurídico, cabe ao ogã resolver. É também ele o responsável pela manutenção do terreiro.

estabelecidas entre os deuses. Geralmente, os filhos de santo incorporam somente o Orixá que é dono da sua cabeça. Caso o terreiro não tenha o sacerdote de determinado Orixá, outro pode vir para contar a história do seu parente. Para compreendermos melhor, imaginemos que o terreiro esteja comemorando o dia de Iemanjá. Somente um sacerdote desta divindade pode incorporá-la. Porém, o terreiro não tem nenhum filho de Iemanjá que possa incorporá-la. Sendo assim, algum Orixá que seja da família dessa divindade pode vir em seu lugar, caso o terreiro tenha algum sacerdote que seja de um santo da mesma família de Iemanjá.

Para que o transe ocorra, todo terreiro deve estar em perfeita harmonia. Antes da cerimônia, todo o terreiro é arrumado de acordo com os quereres do ou dos Orixás que virão à terra. São feitos sacrifícios de animais e são dadas oferendas. Neste caso, os sacrifícios e as oferendas vão depender do Orixá que está sendo festejado, podendo ser animais de duas ou quatro pernas, e as oferendas estão relacionadas com o gosto de cada Orixá, de acordo com o que é determinado pela sua mitologia. Além da oferenda feita ao Orixá comemorado, também é feito o padê de Exu - fazer uma oferenda a Exu, o Orixá mensageiro entre o céu e a terra, para que ele possa chamar os outros Orixás e para que ele mantenha a cerimônia em paz. Como Exu é visto como um Orixá brincalhão e até mesmo maldoso, é importante fazer oferenda a ele para que nada dê errado durante a festa. O padê de Exu também é conhecido como despacho, isso porque a possessão por Exu pode ser muito violenta e inapropriada para a ocasião de festa. Por isso, manda-se Exu embora para evitar que ele possua um dos seus filhos e estrague a festa.

Além das oferendas, também ocorrem rituais de purificação, quando todo o terreiro passa por uma purificação. Os tambores também são purificados, o filho que vai receber o santo fica recluso e toma banho de ervas para se purificar, as comidas dos Orixás são preparadas e o terreiro é todo enfeitado de acordo com o gosto do Orixá. Após toda preparação, os tambores começam a serem tocados, os cânticos entoados e o povo de santo canta e dança para chamar o seu deus, que vem do Orun para confraternizar com o seu povo no Àiyé.

Seguindo o som dos tambores e o ritmo das danças, os Orixás vão, cada um em seu tempo, montando em seus cavalos. Geralmente, os cânticos e possessões seguem uma hierarquia. A possessão costuma se iniciar por Ogum, que é um Orixá que abre caminhos; vem seguido por Iemanjá; depois vem Xangô e suas esposas Iansã, Obá e Oxum, e assim sucessivamente, até chegar Oxalá, o Orixá mais velho. As divindades chegam e vão embora seguindo a mesma sequência, que pode variar, dependendo do terreiro, porém sempre irão começar por Exu ou Ogum e terminar com Oxalá, para seguir a mitologia.

Quando o Orixá toma o corpo do seu filho, o espírito da pessoa fica estático, em repouso, enquanto que quem toma conta do corpo naquele momento é o Orixá, que dança e usa os movimentos para contar a sua história. Os gestos caracterizam a presença da divindade naquele corpo; é possível notar a elegância de Iemanjá, a sensualidade de Oxum, a força de Iansã, a agilidade e força de Ogum, a braveza de Obá e majestade de Xangô. Por um momento, Orun e Àiyé são o mesmo lugar, as divindades estão junto ao seu povo vivenciando a sua história mitológica e transmitindo ensinamentos. O povo de santo vive um momento de alegria, pois pode estar perto dos seus deuses.

Seguindo o toque dos tambores, a festa prossegue, porém, as divindades vão indo embora uma por uma, seguindo o sentido contrário do que vieram. Assim, o primeiro a se despedir é Oxalá, seguidos dos outros Orixás, até chegar a vez de Ogum, que é o último a ir embora. Quando o Orixá deixa o corpo de seu filho, o indivíduo não retorna ao seu estado normal. Neste momento, ele se encontra em um estado de semitransê, que pode ser comparado a um estado de demência. Isso ocorre porque o indivíduo é possuído pelos erês, que são espíritos infantis e que não são considerados deuses. Eles fazem parte das forças da natureza, porém não são espíritos evoluídos como os deuses. Alguns terreiros vão dizer que os erês são na verdade espíritos ancestrais - cada Orixá tem os seus erês, que vão seguir suas características; por exemplo, um dos erês de Iemanjá é a "estrelinha do mar", lembrando o poder que Iemanjá tem sobre os elementos marítimos. Isto ocorre com todos os Orixás. A possessão pelos erês é mais leve e pode servir como intermediária à possessão pelos Orixás e o estado normal do filho de santo.

Com o tempo, os sintomas do transe vão passando e o filho de santo retorna à consciência, sem lembranças do que passou. Porém, todo povo do terreiro celebra e festeja o momento em que os seus deuses estiveram presentes em seu terreiro, abençoando e purificando o ambiente, transformando aquele terreiro no espaço de encontro entre os dois mundos.

4. O ritual

Na falta de um contato com o campo, e com o intuito de colocar em prática tudo que foi lido, recorri a vídeos etnográficos, que serviram de instrumentos para uma melhor compreensão do ritual, apesar de ainda não ter me apropriado da ferramenta de análise fílmica propriamente dita. Assisti diferentes vídeos sobre o ritual de possessão do corpo no Candomblé, inclusive o documentário “O Exu no reino de Ogum”. Em muitos vídeos, foi possível observar muito dos elementos que aparecem na bibliografia sobre o tema, como, por exemplo, a preparação do terreiro, a emoção do povo de santo na presença do seu deus, a mudança na personalidade e nos gestos das pessoas, as diferenças entre os toques dos atabaques e também entre as danças e as histórias mitológicas que cada Orixá vem contar.

Cabe destacar uma série de pequenos vídeos que mostram a festa de Oyá¹¹¹². Oyá é um Orixá feminino, a primeira esposa de Xangô. Por isso, carrega um majestoso ar de superioridade - é uma mulher com personalidade muito forte e guerreira, batalhadora e teimosa, senhora dos ventos, raios e tempestades, e que também detém poder sobre os mortos. Sua cor é o vermelho, que representa sua personalidade forte.

Oiá sopra a forja de Ogum e cria o vento e a tempestade

Oxaguiã estava em guerra, mas a guerra não acabava nunca, tão poucas eram as armas para a guerra. Ogum fazia armas, fazia lentamente. Oxanguiã pediu a seu amigo Ogum urgência, mas o ferreiro já fazia o possível. O ferro era muito demorado para se forja e a cada ferramenta nova tardava como o tempo. Tanto reclamou Oxaguiã que Oiá, esposa do ferreiro, resolveu ajudar Ogum a apressar o fabrico. Oiá se pôs a soprar o fogo da forja de Ogum e seu sopro avivava intensamente as chamas e o fogo mais forte derretia mais o ferro. Logo Ogum pôde fazer muito mais armas e com mais armas Oxaguiã venceu logo a guerra.

Oxaguiã veio então agradecer a Ogum. E na casa de Ogum enomou-se de Oiá. Um dia fugiram Oxaguiã e Oiá, deixando Ogum ferreiro enfurecido e sua forja fria.

Quando mais tarde Oxaguiã voltou à guerra e quando precisou de armas muito urgente, Oiá teve que reavivar a forja, mas não quis voltar para a casa de Ogum. E lá da casa de Oxaguiã, onde vivia, Oiá soprava em direção à forja de Ogum. E seu sopro atravessava toda terra que separava a cidade de Oxanguiã da de Ogum. E seu sopro cruzava os ares e arrastava consigo pó, folhas e tudo o mais pelo caminho, até chegar às chamas que com furor atiçava. E o povo se acostumou com o sopro de Oiá cruzando os ares e logo o chamou de vento. E quanto mais a guerra era terrível e mais urgia a fabricação das armas, mais forte soprava Oiá a forja de Ogum. Tão forte que às vezes destruíra tudo no caminho, levando casas, arrancando árvores, arrasando cidades e aldeias. O povo reconhecia o sopro destrutivo de Oiá e o povo chamava a isso tempestade.¹³

Devido à força de Oiá e sua qualidade de senhora dos ventos e da tempestade, sua possessão ocorre de uma forma mais forte: os toques dos atabaques para Oyá ganham ritmos mais rápidos; conseqüentemente sua dança é mais rápida e agressiva, seus gestos simbolizam os rodopios dos ventos e a destruição da tempestade, sua feição se mantém altiva e forte.

O vídeo em questão se chama “Oyá de Tayssa do Àsé Iyámí Ypondá. No vídeo, Oyá se manifesta no corpo de uma menina que, na época da filmagem, segundo a narração, tinha apenas 6 anos de idade. O que mais impressiona no vídeo é que se trata de uma criança pequena fisicamente, mas cujos gestos demonstram a grandeza de uma mulher mais velha. No vídeo, o corpo da criança representa a deusa e todos no terreiro saudam a divindade presente em seu corpo. Na descrição do vídeo que se segue, trataremos a criança como sendo Oyá.

No vídeo, é possível notar o toque dos tambores em um ritmo bem acelerado, revelando características da divindade: Oyá dança de maneira forte e rápida e repete diversas vezes movimentos rápidos e circulares como os do vento, seus olhos estão sempre fechados como quem não enxerga seus próprios movimentos, mas apenas sente os toques dos tambores. Durante a dança, a roupa de Oyá tem que ser arrumada, mas ela parece tão envolvida com o momento que nem sente o incômodo. Sua feição demonstra um ar forte e elegante. Ao seu lado, há sempre uma ékédi, guardando a divindade.

No terreiro, em um canto afastado, podia-se notar a presença das abiãs, sentadas em uma esteira no chão, vestidas de branco e com a cabeça tampada e sempre olhando para baixo em sinal de submissão. Em um local de destaque, encontravam-se os tambores e, ao lado deles, sentado em uma cadeira majestosa, o babalorixá. Havia também um local separado com os ebós e com os filhos de santo todos em torno da divindade. Os filhos de santo parecem muito felizes e eufóricos, as expressões em seus rostos transpassam uma imensa felicidade.

¹¹Iansã

¹²Disponíveis em:

13 PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. p. 303-304

Durante todo o vídeo, pode-se escutar o bater das palmas e os gritos de “eparrei Oyá”¹⁴, e, em alguns momentos, pode-se ver mãos estendidas como quem faz uma prece. A divindade então faz dobale em frente aos tambores e novamente escutam-se gritos de “eparrei”, porém, dessa vez eles são mais fortes. As músicas cantadas em ioruba¹⁵ são trocadas constantemente e o toque dos tambores ganham ritmos cada vez mais fortes. Oyá então aumenta o ritmo de sua dança e pega seu alfange¹⁶ e começa a encenar movimentos de luta, momento de grande euforia. Em um dos vídeos, alguns filhos de santo começam a dançar com a divindade e, como se estivessem contaminados pela energia do momento, parecem compartilhar o êxtase com a divindade. Em outro vídeo, o babalorixá canta para Oyá, que pára e parece prestar atenção à homenagem e, em um sinal de respeito e agradecimento, saúda o babalorixá e o abraça. Nesse momento, novamente escutam-se os gritos de “eparrei”.

É relevante notar a semelhança entre o que foi observado nos vídeos e na bibliografia consultada, com poucas diferenças. Os vídeos, ademais, acrescentam dois pontos importantes para a observação dos rituais de possessão do corpo no candomblé: a mudança nas feições e no comportamento da pessoa possuída no momento em que uma menina tão pequena se transforma em uma divindade tão forte; e a alegria e a satisfação do povo de santo na presença do seu deus.

Embora as descrições encontradas sobre o filme sequer especifiquem a localização do terreiro onde os rituais foram registrados, os vídeos contribuíram para servirem para exemplificar e esclarecer como de fato acontece a possessão do corpo no Candomblé.

5 - Considerações finais

O Candomblé é uma religião bela que expressa a luta e a herança do povo negro e que conecta Brasil e África em seus rituais através de música, dança, vestimentas, linguagem, comida e cerimônias.

Embora o Candomblé seja uma religião tão bela e com tradições tão complexas, importantes para seus adeptos, esta religião ainda hoje sofre muito preconceito e é recoberta por estigmas, tendo frequentemente suas tradições desrespeitadas. Ainda hoje, são difundidas ideias equivocadas que tratam o Candomblé como uma religião maligna, ou que confundem-no com outras religiões.

Como mencionado, figurava entre os objetivos deste trabalho a realização de trabalho de campo etnográfico em um terreiro de candomblé. No entanto, não obtive acesso a um terreiro na cidade de Juiz de Fora, apesar de inúmeras tentativas desde o surgimento da ideia inicial da pesquisa, em dezembro de 2014. A reflexão sobre estas tentativas frustradas pode, todavia, contribuir para a elaboração de uma série de questões úteis a desenvolvimentos posteriores deste trabalho.

Por exemplo, estaria a dificuldade de acesso ao terreiro do meu bairro, com o qual cheguei a estabelecer contato, mas ao qual me foi negado acesso quando revelei meus objetivos de pesquisa científica, associado a possíveis práticas de sigilo que seriam comuns a esta religião, ou a práticas de sigilo específicas daquele terreiro (era um terreiro pequeno, “familiar”)?

As tentativas frustradas contribuem também para pensar a respeito do desconhecimento da sociedade em geral sobre esta religião – em algumas de minhas tentativas, recebi indicações de “terreiros”, mas, ao entrar em contato, percebi tratarem-se de centros de espiritismo kardecista ou terreiros de umbanda. Cheguei mesmo a ser encaminhada a um terreiro de Santo Daime.

Adicionalmente, as variações nas reações das pessoas às minhas descrições sobre meus estudos, quando dizia estar estudando “o ritual de possessão do corpo” ou quando dizia estudar o “transe” ou “estados de êxtase”, são reveladoras de elevado grau de preconceito e medo associados por pessoas comuns, não adeptas do candomblé, a esta religião.

Mesmo com tanto preconceito e repressão contra a religiosidade e a cultura negras, os Candomblés mantêm-se vivos e perpetuam suas belas tradições, que remetem à África como terra de origem, e ao mesmo tempo despertam e alimentam sentimentos vivos e atuais nos corações de seus adeptos.

¹⁴ Saudação a lansã.

¹⁵ Linguagem africana de origem étnica de mesmo nome.

¹⁶ Instrumento de lansã parecido com uma espada.

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia- Rito Nagô**. 2.ed. São Paulo: Nacional; 1978.
- BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva. 1973.
- BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2007.
- BENISTE, José. **Orun, Àiye: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yoruba entre o Céu e a terra**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CARVALHO, M.G; GODOY, J.M.T. **Roger Bastide e a abordagem acadêmica da vida religiosa no Brasil**. Caminhando, São Paulo, v.20, n.1, p. 65-88, jan./jun. 2015, Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v20n1p65-88>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- CICOREL, Aaron. Teorias e métodos em pesquisa de campo. In GUIMARAES, Alba Zaluar. **Desvendando mascaras sociais**. 2ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. Cap. 2, p. 67-121.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins fontes, 1996.
- MARIOSIA, Gilmara Santos. **Negras memórias da princesa de Minas: memórias e representações sociais de práticas religiosas de matriz africana**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.
- MAURO T'OUSUN. **Run Oyá Crianças do Àsé Ypondá**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-e2JKmFmrl8&list=RD-e2JKmFmrl8#t=1>>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.
- SENN, Ronaldo de Sales. **Feira de encantados: uma panorâmica da presença afro-brasileira em Feira de Santana: construções simbólicas e ressignificações**. Feira de Santana: UEFS Editora. 2014.
- TURNER, Victor. **Os símbolos no ritual Ndembu**. Closed Svstems and Open Mindes: The Limits of Naivety. In Social. M. Gluckman. org. com. Edmburg: Oliver & Boyd, 1964
- VALLADO, Aramando. **Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.